

**As ideias**

Trad. J.F. Meirinhos

Este curto texto é a questão 46 das *LXXXIII questões sobre assuntos diversos*, cujo texto latino se encontra em *Patrologia Latina*, vol. 40, coll. 29-31 e *Corpus Christianorum*, vol. 44A, pp. 70-73.

() = termo latino

< > = palavras acrescentadas ao texto por razões de clareza.

*Questão 46*

[**As ideias: o nome**] /1./ Segundo o que se conta, Platão foi o primeiro a nomear as ideias. Não no sentido em que o nome não existisse antes de ele o instituir, ou que não existissem as próprias coisas a que chamou ideias, ou que não eram pensadas (*intellectae*) por ninguém; mas talvez uns as chamassem com um nome e outros com outro. De facto, é legítimo atribuir um qualquer nome a alguma coisa desconhecida que o não tenha. Ora, não é verosímil que antes de Platão não tivesse havido sábios (*sapientes*), ou que não tivessem inteligido estas <coisas> às quais, como se disse, Platão chamou ideias, o que quer que estas coisas sejam. Nelas há tanta força que ninguém poderia ser sábio sem as inteligir. É até mesmo credível que houvesse sábios entre outros povos para além da Grécia, de que é bom testemunho o próprio Platão, não só pelas viagens que ele fez para aperfeiçoar a sua sabedoria, mas também porque o atesta nos seus livros. Não podemos pensar que estes <sábios>, se existiram, ignorassem as ideias, embora talvez lhes chamassem outro nome. Mas, quanto ao nome é suficiente o que foi dito.

[**Natureza das ideias**] Vejamos a coisa, que é a que maximamente deve ser considerada ou conhecida, deixando a cada um a decisão de escolher o vocábulo para chamar a coisa que tenha conhecido. /2./ De facto, as ideias (*ideas*), em latim podem chamar-se formas (*formas*) ou espécies (*species*), se quisermos mostrar que traduzimos palavra a palavra. Mas, se lhes chamamos razões (*rationes*), porque interpretarmos alguma propriedade, renunciamos <a traduzir palavra a palavra>; de facto, em grego <as razões> dizem-se λογος <logoi>, não ideias. Mas, quem quiser usar este vocábulo não se afastará da própria coisa. Com efeito, as razões são certas formas primeiras (*formas principales*), ou razões estáveis e imutáveis das coisas (*rationes rerum stabiles atque incommutabiles*), que, por essa razão, não foram criadas e, por isso, são eternas e possuem sempre o mesmo modo para si, porque estão contidas na inteligência divina (*divina intelligentia*). E como nem nascem nem perecem, é segundo elas que se diz ser formado (*formari*) tudo o que pode nascer e perecer e tudo o que nasce e perece <de facto>.

[**As ideias e a criação**] À alma é negado o poder de as inteligir (*intueri*), excepto à racional pela sua parte que é mais excelente, isto é a própria mente ou razão, como se fosse a sua própria face ou o seu olho interior e inteligível. E não será toda ou qualquer alma racional,

mas apenas a que for pura e santa, que estará apta para aquela visão, isto é aquela que tiver o olho são e sincero e sereno e idêntico às coisas que pretende ver. Que <homem> religioso e imbuído de verdadeira religião, embora ainda não as possa intuir, ousará negar, ou mesmo não confessaria que tudo o que é, ou seja tudo o que para existir está fixado na sua ordem por uma natureza específica, não tenha sido criadas por Deus? E que todos os seres vivos vivem graças a ele e que a conservação universal das coisas e a própria ordem pela qual as coisas submetidas à mudança realizam os seus ciclos temporais segundo uma regularidade certa, não estão contidas e são governadas pela lei do supremo Deus? Afirmado e concedido <um tal princípio>, quem ousará firmar que Deus tenha criado tudo irracionalmente (*irrationabiliter*)? Se tal não pode ser rectamente dito ou acreditado, resta que tudo foi criado segundo uma razão, e o homem não foi segundo a mesma que o cavalo: pensá-lo seria seguramente absurdo. Portanto, cada coisa singular foi criada segundo a sua própria razão. E estas razões onde podemos considerar que estão, senão na mente do criador? Porque ele não contemplava nada exterior a si segundo o qual criaria o que criava; pensá-lo seria um sacrilégio. Se estas razões de todas as coisas criadas e a criar estão contidas na mente divina, e que na mente divina não pode existir senão o eterno e inmutável, e que são estas razões principais das coisas que Platão chama ideias, então não apenas existem as ideias, como são verdadeiras porque são eternas e permanecem para sempre idênticas e imutáveis. A participação nelas faz com que seja tudo o que é, seja qual for o seu modo de ser.

**[As ideias e a felicidade máxima da alma racional]** Mas, de entre as coisas criadas por Deus, a alma racional supera todas as outras e quando é pura é próxima de Deus e enquanto adere a ele pela caridade, de certo modo é invadida e iluminada por ele por aquela luz inteligível <da razão>, contempla estas razões não com os olhos do corpo, mas com aquilo que é nele principal e pelo qual é superior, isto é com a sua inteligência, cuja visão a torna beatíssima [i.e. felicíssima]. Estas razões, como foi dito, podem chamar-se “ideias”, ou “formas”, ou “espécies”, ou “razões”. A muitos foi dado chamar-lhes um nome conveniente, mas a poucos ver o que verdadeiramente são.

### **Alguns tópicos para uma segunda leitura:**

Qual o objectivo de Agostinho com o 1º parágrafo

Qual é o sentido da discussão sobre os diferentes termos para designar a coisa "ideias"?

O que é que Agostinho conserva da teoria de Platão?

O que é que Agostinho traz à teoria das ideias?

Que problemas é que Agostinho explica com as ideias?

Qual é a relação entre as coisas materiais e as ideias?

Como é que conhecemos as ideias?